

NO BRASIL

CE detém menos de 2% do setor farmacêutico

Mercado espera dobrar o faturamento em cinco anos, mas Nordeste ainda não possui grande participação nacional

AQUILA LEITE
repórter

Atravessando um período de franca ascensão no Brasil, o mercado farmacêutico tem pretensões ambiciosas para os próximos cinco anos. A Associação Brasileira de Redes de Farmácia e Drogarias (Abrafarma) – que reúne as 30 maiores redes do País –, por exemplo, espera atingir um faturamento anual de R\$ 90 bilhões em 2017, exatamente o dobro do que foi faturado no ano passado (R\$ 45 bilhões). O Ceará, porém, ainda está longe de ser uma potência para o setor, já que representa menos de 2% de tudo que é arrecadado.

“O Nordeste, em geral, não possui uma participação muito impactante no mercado farmacêutico do Brasil, tendo em vista que 60% do faturamento estão concentrados no eixo Sul-Sudeste. Apesar disso, a região é a que mais cresce”, comentou ontem o presidente da Abrafarma, Sérgio Mena Barreto, durante o Fórum **Pague Menos** de Varejo Farmacêutico, realizado no Centro de Eventos do Ceará.

Sobre a relevância do Brasil no mercado farmacêutico mundial, Mena disse que o País já



Fundador da rede de farmácias Pague Menos, Deusmar Queirós garante que só pretende ofertar ações da empresa na Bolsa dentro de um ou dois anos. Segundo ele, os recursos já são suficientes para bancar crescimento. FOTO: SILVANA TARELHO



deve fechar este ano sendo a 6ª maior força, no quesito faturamento em dólar. Segundo ele, “a maioria dos países já possui um setor maduro, ou está em declí-

nio. México, Índia, Rússia e China também são outros países que têm tudo para virarem potências globais”.

Pague Menos na Bolsa

Com capital aberto desde maio do ano passado, quando lançou suas debêntures (títulos de crédito), a rede de farmácias Pague Menos não tem a intenção de lançar ações na Bolsa de Valores em 2013. A confirmação veio do fundador e atual presidente da companhia, Deusmar Queirós, que disse que o mercado atual não está propício.

“Pensamos sim em fazer IPO (evento que marca a primeira

venda de ações de uma empresa no mercado de ações), mas só daqui a um ou dois anos. Isso porque, se lançarmos agora, venderemos parte da empresa por um preço baixo, que não compensa. Temos recursos para financiar nosso crescimento, então esperamos uma oportunidade melhor”, diz Deusmar Queirós. O presidente da Pague Menos atribui a fraqueza do mercado de ações aos efeitos da crise econômica. Conforme diz, “70% do que é vendido no IPO é para estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos e Europa. Como ambos ainda se recuperam, vamos esperar”, conclui.